



DESMATAMENTO NA AMAZÔNIA

Perda em dezembro foi 150% maior

Mês registrou destruição de 218,4 km quadrados de cobertura florestal

PARA  
ACESSAR  
APONTE  
O CÉLULAR  
PARA  
O QR CODEELISA MARTINS  
elisa.martins@oglobo.com.br  
SÃO PAULO

# DECIFRA-ME OU TE DEVORO

## Dois moradores desvendam mistérios do ícone Copan, em SP, para Censo do IBGE

O síndico é chamado de “prefeito”, tamanha a complexidade deste condomínio em que moram e circulam mais pessoas do que em algumas cidades brasileiras. Não se sabe quantos moradores vivem ali: fala-se em 5 mil, número tido como superestimado, mas só o Censo do IBGE, que acaba de ser encerrado por lá — com algumas surpresas —, poderá dizer ao certo.

O Edifício Copan, no coração do Centro de São Paulo, é mais que um ícone da cidade, sobre o qual se debruçam recenseadores ávidos por informações. O lugar é um pedaço de Brasil. Com seis blocos e 1.160 apartamentos, de quitinetes de 30 m<sup>2</sup> a apartamentos de cerca de 150 m<sup>2</sup>, reúne uma miríade de gente, de dentro e de fora do país, trabalhadores e empresários, jovens ou anciãos que guardam o passado da capital, de todas as classes sociais e orientações sexuais.

Quando Oscar Niemeyer idealizou as formas onduladas, que lhe renderam o apelido de Minhoca por seu aspecto em “S”, São Paulo era outra. A construção seria uma ode ao quarto centenário da cidade em incessante crescimento, mas uma série de mudanças fez com que sua construção se desdobrasse de 1952 a 1966. Se no início os moradores eram filhos de fazendeiros, muitos estudantes de arquitetura, depois, novos personagens surgiram, vindos da cena policial e do *underground*.

As portarias de cada bloco do Copan, cujo acesso se dá por uma galeria com 72 lojas, abrem os braços para uma miscelânea democrática.

— Aqui parecia um cortiço — lembra a cabeleireira paraense Marlene de Paula Martins, de 61 anos, que mora no Copan há 14 anos e trabalha na galeria há 33. — Hoje há mais famílias, estrangeiros. As pessoas têm loucura por isso aqui. É um cartão-postal da cidade.

Talvez tenha sido no Copan que Niemeyer pensou ao se descrever, pelo contraste perfeito do prédio com a paisagem de São Paulo, em meio à dureza da Avenida Ipiranga: “Não é o ângulo reto que me atrai, nem a linha reta, dura, inflexível... o que me atrai é uma curva livre e sensual”.

### UNIVERSO PARALELO

Mergulhar no universo do Copan é um desafio instigante. Dois recenseadores, também moradores, ficaram incumbidos de decifrá-lo. A missão é de Antonio José Pinheiro Lima, de 63 anos, que vive ali com a esposa há seis anos, e de Sergio Ricardo Picinini, de 57 anos, morador pela segunda vez depois de uma breve temporada fora. Na primeira “encarnação”, ele dividiu o imóvel com um amigo no bloco das quitinetes, o mais descolado no passado, por atrair artistas e roqueiros, entre outros frequentadores cults.

— Isso aqui é o retrato do Brasil — define Picinini, que é do interior do estado.

Por um mês e meio, ele e Li-

32

andares e 110 metros

Vista abrange a a Catedral da Sé, o Minhocão, o Sambódromo do Anhembi, a Estação da Luz e o Pico do Jaraguá.



Retrato. Recenseadores “mergulham” no Copan, projetado por Niemeyer: prédio é um ícone de São Paulo e tem fachada em brise-soleil



“Prefeito”. Affonso Celso Prazeres, de 83 anos, comanda o condomínio, onde mora há décadas



“O Rio tem o Cristo Redentor, São Paulo tem o Copan”

Affonso Celso Prazeres de Oliveira, síndico do prédio há 30 anos

“Isso aqui é o retrato do Brasil”

Sergio Ricardo Picinini, morador do Copan que trabalha no Censo do IBGE

ma ficaram numa mesa no meio da galeria para entrevistar os moradores. Se não vinham, os dois iam até eles. Tendo os porteiros como aliados, chegaram a se aboletar nas portarias de plantão.

—É difícil conhecer todos os vizinhos, tem muita gente. Alguns se recusaram a falar. Mas vimos um perfil do prédio que não sabíamos — diz Antonio, lembrando quando apreciava o imponente Copan, maior condomínio residencial da América Latina, durante antigos passeios com os pais a um cinema na Praça da República.

### TEMPORADA É SUCESSO

Entre as surpresas, os recenseadores descobriram que uma geração jovem foi se juntar à mais antiga, que há décadas investiu naqueles imóveis. Outra curiosidade foi o alto número de entrevistados que respondeu viver em união com uma pessoa do mesmo sexo. Uma moradora, mulher trans, inicialmente com receio de responder o questionário à vista dos vizinhos, pediu para que fossem até seu apartamento.

Assim como em outras cidades brasileiras, a política atravessou a coleta de dados, às vezes, de forma hostil. Coordenador de divulgação do Censo em São Paulo, Wagner Silveira dá o segredo que reduziu atritos e aumentou a adesão ao questionário:

— O desafio é criar boa comunicação tanto com síndicos e porteiros quanto com moradores.

Chamou a atenção ainda o fato de mais de cem imóveis serem alugados via plataformas como Airbnb, o que indica uma população menor do que se imaginava. Os dados serão compilados pelo IBGE.

A crise saltou aos olhos. Entre pilhas de papéis e planilhas, o “prefeito” do Copan, Affonso Celso Prazeres de Oliveira, de 83 anos, entretanto, já a presentia no endereço.

— Muita gente perdeu o emprego na pandemia — diz.

“Seu” Affonso comanda o prédio há 30 anos, mora ali há mais tempo ainda e desfruta do prestígio de poucos políticos: é atribuída a ele a façanha de tirar o Copan da crônica policial. Em um escritório com uma fotografia de São Paulo ao fundo, ele se emociona e conta ter fascínio pelo prédio.

— O Rio tem o Cristo Redentor, São Paulo tem o Copan — compara ele, que é carioca. — Estamos lutando para restaurar a fachada, e planejamos fazer um museu no terraço.

O Copan nasceu para ser uma espécie de Rockefeller Center, e não à toa esta mística ronda seus adoradores. Há 30 anos, o estilista pernambucano Walério Araújo, de 52 anos, foi para seu paraíso particular encravado no coração da metrópole.

— Aqui é uma mistura de gente, línguas e gêneros. Me sinto em Nova York — brinca.

A cobertura pode ser comparada a um dos *rooftops* de NY. Do alto de seus 32 andares e 110 metros, é avista-se a Catedral da Sé, o Minhocão, o Sambódromo do Anhembi, a Estação da Luz e o Pico do Jaraguá. Mas as visitas foram interrompidas desde a pandemia.

1.160

Total de apartamentos em seis blocos

Imóveis vão de pequenas quitinetes a apartamentos de 150 metros quadrados